

Crítica Literária e Inovação.

Doutoranda Renata Esteves.

Resumo:

O presente texto quer ilustrar a participação ativa do crítico literário russo Vissariôn. G. Belínski (1811–1848) no ambiente cultural de seu país. A efetivação do projeto editorial tratado aqui reuniu autores para criar textos de acordo com a nova tendência de aproximar a literatura da realidade e contou com a participação intensa do crítico, empenhado em modernizar a literatura russa contemporânea.

Palavras-chave: modernização; Literatura; História; Realidade.

1 Introdução

A atuação como crítico conferiu a Vissariôn. G. Belínski (1811–1848) destaque na vida literária russa da época. Com a adoção de uma perspectiva avançada para a realidade cultural da Rússia, em razão da sintonia com as transformações nos grandes centros europeus e da discordância com as instituições russas em vigor, Belínski protagonizou os grandes debates das décadas de 30 e 40 em seu país e fez de sua função instrumento para reflexão, modernização e politização do cenário intelectual doméstico. Dando proeminência à prosa, a literatura russa desse período centralizou a efervescência que as novas ideias ocidentais provocaram no reinado atrasado de Nicolau I, cuja duração foi de 1825 a 1855. Sem dúvida contribuiu para isso a condição ficcional do gênero, que assim facilitava camuflar a realidade abordada com a roupagem da imaginação e contornar a repressão vigente; no entanto é importante considerar também a característica da própria Literatura nesse momento que abrangia as inovações diversas da contemporaneidade, nutrindo-se das transformações que se davam nos diversos campos da vida e do conhecimento. A cooperação do crítico em projetos editoriais exemplifica sua participação ativa no período e ilustra o tipo de intervenção que fazia. Tratamos a seguir de apresentar o trajeto percorrido por Belínski até sua participação na publicação que aqui será destacada para entendermos o alcance da função que assumiu.

2 Anos 30: uma retrospectiva

No início de sua produção crítica, Belínski defendia a inexistência da literatura russa por entendê-la como uma incidência de modismos literários, em que as obras produzidas não dialogavam entre si. Havia as exceções, as obras geniais isoladas, que resultavam de esforços individuais. A irregularidade da qualidade das obras existentes era entendida pelo crítico por diversos fatores, tendo uma razão histórica seminal: a separação do povo russo entre sociedade e massa, a partir das reformas instauradas por Pedro, o Grande em seu reinado (1682–1725). No plano literário, isso se refletiu na obra de Lomonóssov (1711-1765), que inaugura a literatura russa moderna, com a adoção de novas formas literárias e a modernização da língua. Seu legado literário, por sua vez, irá caracterizar o que o crítico denomina de *literatura oficial*, ou seja, uma literatura palaciana, de representação parcial e linguagem retórica.

Na perspectiva do crítico, a parcialidade da representação e a língua artificial eram sintomáticas da condição imitativa da literatura russa, que apenas com Aleksander S.

Púchkin (1799-1837) conseguiu ganhar expressão autônoma. É a literatura de Púchkin que será capaz de integrar personagens e cultura populares com o mundo da sociedade, o *beau monde*, redimensionando, assim, a abrangência da representação literária do povo russo e consolidando uma língua literária livre da retórica. É na obra desse autor que o crítico localiza a confluência das duas vertentes paralelas e existentes na literatura russa: a da já mencionada *literatura oficial* e a outra, de viés satírico e com raízes populares, que tem em Aleksander S. Griboiédov (1795-1829) e Ivan S. Krylov (1769?-1844) sua expressão cabal. Essa conquista da literatura russa, porém, não frutificou, pois os seguidores contemporâneos de Púchkin acabaram demonstrando mais entusiasmo do que talento, enquanto o desenvolvimento do mercado editorial no início do século XIX resvalava para a tônica comercial e para a subserviência à autocracia na década de 30. Verifica-se, assim, que a realidade literária da época, além de herdar obstáculos históricos, enfrentava a repressão e o controle que Nicolau I estabeleceu com a doutrina de seu reinado. Contrapunham-se à situação russa as mudanças que estavam ocorrendo nos principais centros europeus, devido à Revolução Francesa e à ascensão do nacionalismo, fatos que conseguiram surtir efeito no território russo. A influência do Romantismo alemão e a propagação do pensamento liberal proveram debates internos na Rússia que decorreram da nova forma de enxergar sua realidade marcada ainda pela herança feudal.

3 Anos 40: a perspectiva histórica.

A visão crítica que Belínski apresentou sobre a literatura russa no início de sua produção provinha da aproximação dos estudos literários com a Filosofia. Na década de 30, tal tendência era constatada no ambiente intelectual universitário russo com a existência de círculos de estudos filosóficos e políticos de estudantes e contratação de professores jovens e com formação moderna, bem como com algumas tentativas editoriais independentes, que resistiam ao jugo czarista e se empenhavam na atualização do público por meio de traduções, artigos e publicações para divulgar as novidades da época. Foi por esse caminho que, pouco a pouco, o mercado editorial conquistou lugar importante junto ao público, esclarecendo, modernizando e promovendo o debate sobre as amplas questões que a literatura propiciava então. Marco exemplar disso, foi a publicação do romance *Almas mortas*, de Nikolai Gógol, em 1842, que inflamou o debate entre as tendências que se definiram entre defensores do czar, eslavófilos e o grupo diversificado de ocidentalistas. A obra foi defendida por Belínski como modelo da nova expressão artística, que repugnava o gosto conservador ao tematizar os vícios e corrupções, exibindo o disforme, o feio e os defeitos das personagens com o ácido satírico; para o crítico, no entanto, essa expressão afirmava o novo patamar da literatura russa, que alcançava a originalidade, a emancipação do legado retórico e oficial de suas origens “petrinas”, superava a condição inicial imitativa e aproximava-se da realidade sem enfeitá-la, mas mostrando-a em sua verdade, como bem costumava escrever. Cumprira-se uma nova era na literatura russa aos olhos do crítico.

A nova obra de Gógol surge na Rússia no mesmo ano em que, na França, iniciou-se a publicação do famoso romance de folhetim *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue, em que a vida social das camadas baixas, criminosos de becos e vielas, o universo da miséria e do mistério urbanos eram representados com descrições realistas. Não apenas miseráveis, mas também representantes de outros níveis sociais interagem na narrativa melodramática, que buscava mostrar os desfavorecidos como as vítimas das contradições sociais. Tratava-se de um marco na literatura, em que transparecia a simpatia de Sue pelo

socialismo francês. A tradução do romance experimentou grande sucesso na Rússia em 1844, indicando o interesse do público leitor pela literatura representativa desse mundo mais natural e menos ideal.

A recepção favorável a tais obras se afinava com o resgate de um gênero também usado na literatura e caracterizado por um estilo mais calcado na realidade. Havia uma tendência já desde os anos 30 em destacar essa realidade, invisível na literatura clássica, tendência que manifesta sua força com a publicação francesa da coletânea *Les Français peints par eux-mêmes*, em 1840, e, por sua vez, impulsiona a produção de uma semelhante na Rússia nos dois anos seguintes. A francesa reunia os textos denominados de *physiologie*, que tratavam sobre a miséria urbana na França por meio do método da observação e da categorização, um reflexo direto do que ocorria nas ciências naturais. Na Rússia, surgiu então a chamada *Physiologie des Français*, em tradução literal *Os nossos, copiados da natureza pelos russos*, (1841-1842); seguiram-se outras ainda em 1842, *Physiologie des Russes*, em tradução literal *Moscou e os moscovitas*, que ganhou novas edições futuras, e *Physiologie des Français*, em tradução literal *Esboços da vida moscovita*. Elas, no entanto, revelavam-se tendenciosas, privilegiando uma representação mais ideal do que realista, o que destoava das características do gênero adotado.

O gênero não era novidade na Rússia. Na década de 60 do século XVIII, já aparecia em revistas satíricas para debochar de proprietários de terras e oficiais quando o questionamento à ordem começava a despontar com a modernização instaurada – o que reitera uma característica do uso desse gênero na história: sempre vinculado a situações de crise e mudanças estruturais na sociedade. Ele continuou sendo adotado esporadicamente, saindo em publicações dispersas, mas retorna com força em publicações sistemáticas nos anos 40, justamente quando se intensificam os debates culturais no país. Tanto eslavófilos como ocidentalistas se empenharam em projetos editoriais do gênero e, em 1845, a coletânea *Physiologie des Russes*, em tradução literal *Os cumes de Petersburgo*, é publicada pelos eslavófilos em dois volumes, assim como a coletânea *Physiologie des Français*, em tradução literal *A fisiologia de Petersburgo*, também em dois volumes. A última foi editada por Nikolai Nekrássov (1821-1877), que liderou o projeto editorial do grupo de ocidentalistas próximos a Belínski e contou com a participação ativa do crítico. Ainda em 1846, o mesmo grupo edita mais uma coletânea do gênero, sob o título *Physiologie des Français*, em tradução literal *Coletânea de Petersburgo*, em que Dostoiévski estreia com *Gente pobre*.

A força do gênero remetia diretamente à relação entre Literatura e Realidade, ponto nevrálgico para uma Rússia de servos e autocrática, que via seu atraso histórico exposto pela representação literária aos moldes da nova tendência. A literatura ganhava força social até então desconhecida. De fato, a criação típica do *malienki tcheloviék*, preocupada em representar o homem simples do baixo escalão da hierarquia burocrática ou militar da sociedade russa da época, que ocorre na obra de Gógol e, depois na estreia de Dostoiévski, manifesta a influência desse gênero na literatura russa do momento e estimula a nova tendência. Grande estimulador dessa tendência, Belínski,

a partir dos anos 40, defendeu a convergência entre a Literatura e a História como uma realidade incontornável para a Rússia de então e fez de Gógol o grande modelo literário da nova proposta. Em sua perspectiva, a literatura tinha de aproximar-se da realidade, refleti-la em sua verdade, sem a idealização clássica obsoleta. Podemos constatar a atuação de Belínski nesse sentido no estímulo que deu às publicações de obras que disseminavam o gênero esboço fisiológico. O próprio Belínski publica na mencionada *Coletânea de Petersburgo* o esboço fisiológico *Physiologie des Russes*, isto é, *Petersburgo*

e Moscou, além de escrever um preâmbulo à obra, que ilumina o objetivo do projeto editorial.

O texto introdutório trata da razão de se publicar a coletânea, que reafirmava o fato de obras francesas do tipo terem caído no gosto do público leitor russo, incentivando, assim, uma produção russa para o entretenimento dos leitores, algo que desempenhasse a função da chamada *literatura leve*, ou seja, a *literatura leve*, própria para o lazer e para a satisfação das exigências da maioria do público. Além de tratar de assuntos do país, uma carência na literatura russa reclamada com frequência pelo público, a obra preenchia a lacuna da existência de obras compostas por autores diversos com um mesmo objetivo. A presente coletânea não era artística, ela tinha o objetivo de apresentar a capacidade de observação adequada e um olhar fiel ao objeto representado, características típicas do gênero em questão; outras obras anteriores de escritores já tinham representado as peculiaridades de São Petersburgo, mas eram embasadas pelo princípio artístico, como era o caso de Gógol. Também se destacava o fato da coletânea não se limitar à descrição nem adotar um tom oficial, mas caracterizar os aspectos morais e a peculiaridade da população de Petersburgo muitas vezes com humor.

As propriedades do gênero rebatiam os estilos parciais de outras obras em circulação, como os romances históricos que acabavam demonstrando uma visão comprometida ao idealizar o passado histórico a partir da obra *História do Estado Russo*, de Nikolai Karamzin (1766-1826). As obras moral-descritivas existentes incorriam em generalidades que nada tinham de russo especificamente enquanto as obras que se pretendiam satíricas na crítica da moral e dos costumes não consumavam o estilo – a deficiência dessas obras denunciava a ausência de uma ideia-guia, uma visão real e crítica sobre o objeto tratado. Era constatado, assim, o despreparo dos escritores comuns e a ignorância sobre a diversidade da realidade russa, elementos primordiais para o desenvolvimento de uma produção literária significativa e integralmente representativa. A coletânea *A fisiologia de Petersburgo* buscava alimentar uma produção literária mais consistente, contribuindo para a formação de leitores e de escritores.

A função da coletânea remetia a uma questão cara a Belínski: a precariedade de uma literatura russa intermediária de qualidade, chamada de *literatura beletrística*, que requeria bons talentos que conhecessem a realidade russa para poder representá-la de forma fiel, alavancar a produção literária do mercado editorial e garantir o aumento de obras diversificadas para leitura do público. O seu potencial de produção era um fator diferencial da chamada *literatura artística*, pois podia atender às demandas editoriais com prazos estabelecidos, o que, por definição, não podia se dar com a produção da *literatura artística*, que resultava da inspiração e do esforço do gênio. A estratégia editorial visava, portanto, robustecer o sistema literário russo, que historicamente capengava entre dois patamares muito desiguais na qualidade de suas obras literárias, instrumentalizando escritores e leitores para a produção e leitura de uma literatura intermediária de qualidade. Se de um lado ela educaria os leitores de acordo com a nova tendência, modernizando o gosto literário, por outro lado demandava a formação de escritores capacitados para o empreendimento.

Conclusão.

Podemos perceber o alcance da intervenção do crítico no ambiente literário de sua época. A recepção da coletânea produzida pelos ocidentalistas sofreu os ataques rotineiros por parte dos defensores do reinado de Nicolau I, que, detentores de revistas literárias próprias, se empenhavam no combate a tais iniciativas, rejeitando qualquer

valor estético nelas e negando o valor artístico da proposta. A rejeição à representação do feio, do obscuro, das cenas e tipos sociais eleitos pelos autores da coletânea foi motivo de críticas sarcásticas, sustentando sempre a conveniência dos padrões ideais e clássicos da Arte. Em resposta a tais críticas, Belínski escreve em outro texto, intitulado *A fisiologia Peterburga. Parte II*, do qual destacamos o trecho abaixo:

, -
, , ,
flamenga .
, -
, ,
, -
,
. Belínski, 1953, p. 217, v.IX.

Para Belínski, conforme citação acima, nenhum aristocrata de verdade despreza na arte e na literatura a representação das pessoas de camadas inferiores, chamadas de natureza baixa, e prova disso é o fato de haver quadros da escola flamenga na galeria de grão-senhores. Não há o que falar das pessoas de camadas inferiores, pois são elas gente, não animais, irmãos pela natureza e em Cristo, e desprezá-las é muito despropositado, em especial por escrito. Deparamo-nos com um posicionamento bastante estratégico do crítico diante dos ataques, em que o sentido da defesa não se dá em termos teóricos, mas recorre a uma relação direta entre Realidade e Arte. A busca pela aproximação entre História e Literatura revela, portanto, o intento esclarecedor que Belínski acreditava necessário à literatura russa, para que ela incorporasse as facetas diversas da realidade do país e ganhasse dimensão nacional.

Referências Bibliográficas

- 1] BELÍNSKI, Vissariôn G. *Fisiologuia Peterburga. Tchast piervaia*. In: *Pólnoe Sobránie Sotchiniénii [Obras completas]*. Academia de Ciências da URSS, 1953, pgs. 47-55, pgs. 214-221, V. IX.
 - 2] BELÍNSKI, Vissariôn G. *Fisiologuia Peterburga. Tchast vtoraiia*. In: *Pólnoe Sobránie Sotchiniénii [Obras completas]*. Academia de Ciências da URSS, 1953, pgs. 47-55, pgs. 214-221, V. IX.
 - 3] BELÍNSKI, Vissariôn G. *Vstuplenie k Fisiologuia Peterburga*. In: *Pólnoe Sobránie Sotchiniénii [Obras completas]*. Academia de Ciências da URSS, 1953, pgs. 375-384, V. VIII.
 - 4] JUKOV, L. *Fiziologuitcheski otcherk*. In: *Literaturnaia entsiklopediia*, Moskva, 1929-1939, 11 toma. Site: <http://slovari.yandex.ru/>
- Link:
<http://slovari.yandex.ru/~ / .%20 / %20 />
Acesso em 05/05/2013.
- 5] POSPELOV, G. H. *Otcherk*. In: *Bolchaia sovietskaia entsiklopediia*. Moskva, 1969-1978, 30 tomov. Site: <http://slovari.yandex.ru/>

link: <http://slovari.yandex.ru/~ / / /> Acesso: 05/05/2013.

6] TERRAS, Victor. *Handbook of Russian Literature*. Yale University, 1985, p. 158-160, 293-295, 337-338.